



Prepare-se para mergulhar numa história fantástica. Tamino é um jovem príncipe que está prestes a se tornar rei. Para isso, precisa passar por uma prova de sabedoria no templo do temível bruxo Sarastro, na qual terá que enfrentar muitos perigos. Perigo ainda maior é a paixão proibida por Pamina, a princesa prisioneira de Sarastro, filha da poderosa Rainha da Noite. Será que a flauta mágica ajudará Tamino a vencer tantos obstáculos? Adaptação da famosa ópera de Wolfgang Amadeus Mozart, esta história traz uma incrível aventura e mostra a importância da sabedoria, da humildade e da verdade.



BARCO
A VAPOR

A flauta mágica

Dionisio Jacob

A FLAUTA MÁGICA • DIONISIO JACOB



sm

sm

1 7 2 1 6 3

ISBN 978-85-418-1192-7



9 788541 811927



A flauta mágica

© Dionísio Jacob, 2004

Gerência editorial: Adilson Miguel
Edição executiva: Graziela R. S. Costa Pinto

Coordenação editorial: Silvana Salerno / Estúdio Sabiá
Preparação: Mariana Rodrigues
Revisão: Lenora Matteucci, Paola Morsello, Viviane Campos

Edição de arte: Natalia Zapella
Ilustração de capa: Rogério Coelho
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jacob, Dionísio

A flauta mágica / Dionísio Jacob. — 2. ed. — São Paulo:
Edições SM, 2015. — (Barco a Vapor. Série Vermelha)

ISBN: 978-85-418-1192-7

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Título. II. Série.

15-08923

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2004

2ª edição 2015

3ª impressão novembro de 2016

Todos os direitos reservados a

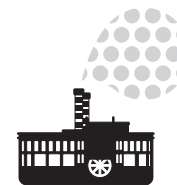
EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br



BARCO
A VAPOR

A flauta mágica

Dionísio Jacob

*Recriação literária a partir do libreto
de Emanuel Schikaneder para a ópera de
Wolfgang Amadeus Mozart, que estreou
em 30 de setembro de 1791 em Viena*



SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

O bosque 9

SEGUNDA PARTE

O templo 93

TERCEIRA PARTE

A Prova 143

Epílogo 195

PRIMEIRA PARTE

O bosque

● CAPÍTULO UM

IMAGINE UM BOSQUE...

Um bosque antigo e silencioso, com muitas árvores seculares. É num lugar como esse que esta história se inicia: num bosque tão antigo que os relatos mais antigos daquele tempo já falavam nele como um bosque muito, muito, mas muito antigo. E era, às vezes, um bosque assustador, pois, entre suas árvores retorcidas, habitava um grande número de criaturas estranhas. Nem era para menos: o bosque situava-se nos domínios da Rainha da Noite, também conhecida como Astrafiamante, nome cuja sonoridade provocava temor. Ninguém possuía mais poderes do que ela naquela parte do mundo.

Tanto é verdade que, quando caía um temporal, os habitantes da região cochichavam entre si que Astrafiamante estava irritada. E ela devia ter estado bem zangada naquele exato dia em que esta história principia, pois, um pouquinho antes de a narrativa ter início, havia caído uma fabulosa tempestade. Uma tempestade daquelas que fazem o dia escurecer como se fosse noite, iluminado vez ou outra por relâmpagos

fantasmagóricos. Isso acompanhado pelas mais ensurdecedoras trovoadas e por uma ventania que assobiava sinistramente através da vegetação.

•••

Mas havia passado... Um silêncio de susto tomava conta do bosque, interrompido muito levemente pelo ruído de gotas caindo das folhas. E do oco de uma árvore gigante surgiu um rosto desconfiado, olhando para todos os lados. Era Papagueno, o passarinho, que havia escolhido aquele lugar para se abrigar do temporal. Tremia ainda, pois seu medo era o de que um raio atingisse justamente aquela árvore em que estava.

Papagueno era um tipo engraçado: caminhava meio desajeitado, carregando nas costas uma grande gaiola, com inúmeros tipos de aves que caçava. Trabalhava para a Rainha da Noite: ela adorava aves, e quanto mais raras melhor! Papagueno se esforçava por agradar à poderosa mulher, se embrenhando pelos rincões mais inacessíveis do bosque, buscando espécies nunca vistas.

Como todos, temia a soberana, embora nunca a tivesse visto de perto. Em compensação, conhecia bem três de suas filhas e as odiava. Eram umas moças terríveis, que lutavam como homens, manejando a espada com mestria. E adoravam humilhar Papagueno. Ele nunca havia entendido o porquê daquilo. Apenas avisavam o pobre passarinho e já começavam a caçar do seu jeito de andar, de falar. Amarravam suas pernas,

deixavam-no pendurado de ponta-cabeça por horas. Torturavam o pobre de todo jeito que podiam.

Por isso, antes de sair do oco da árvore, Papagueno olhou bem para os lados, para verificar se não deparava com alguma delas. Ou com algum bicho esquisito, fugindo da tempestade. Quando constatou que tudo estava quieto, ajeitou a gaiola nas costas e soprou o seu apito, feito de madeira, com o qual podia imitar o som de todas as aves do bosque. E abriu um sorriso satisfeito.

Era uma alma alegre o tal Papagueno. Quando não estava apavorado com alguma coisa, mostrava-se uma pessoazinha muito simpática e faladora. Como vivia muito tempo sozinho nas matas, gostava de puxar conversa se encontrava alguém e possuía o dom de falar horas sobre coisa alguma. Tinha, porém, uma fraqueza: era um tanto quanto mentiroso. Ou melhor, não resistia à tentação de aumentar as coisas e de contar vantagens. Mas fazia isso com tanta graça que aqueles que o conheciam nem o corrigiam, apenas para ver até onde ele iria com seus exageros. Menos, é claro, as filhas de Astrafiamante, que sempre que o apanhavam em flagrante tratavam logo de lhe aplicar algum corretivo.

•••

Assim, uma vez que Papagueno se certificou de que nada o ameaçava no bosque, retomou seu caminho, com a expressão desafiadora de quem não tinha medo de qualquer chuvinha. Improvisou uma canção na sua

flauta e seguiu em frente. Mas mal havia dado alguns passos, uma gritaria enorme veio de algum lugar. Ele parou, arrepiado. O que era aquilo? Parecia uma voz humana misturada a uns guinchos bestiais. Papagueu- no nem pensou duas vezes: trepou no primeiro galho de árvore que encontrou e procurou se esconder bem escondidinho no meio das folhagens.

Aquela árvore ficava de frente para uma clareira e foi nela que surgiram os autores daquela gritaria. E não foi coisa pouca o que Papagueu pôde presenciar como se estivesse sentado num camarote: um jovem desesperado irrompeu na clareira fugindo de uma serpente.

Na verdade aquilo era mais do que uma serpente: era um dragão! Uma criatura enorme, cuja cauda dava voltas sobre si mesma muitas e muitas vezes. Possuía cinco vezes o tamanho do jovem. Também lembrava um lagarto, por causa das pernas pequenas, proporcionalmente ao corpo; pernas, entretanto, que exibiam garras afiadíssimas. E, além de escamas, tinha pelos aquele bicharoco esquisito. Uns tufos que desciam das costas e da cabeça e que se eriçavam cada vez que ele urrava. A cabeça era o pior: uns olhos vermelhos, injetados, maldosos; umas narinas grandes e abertas; e os dentes mais pontiagudos que Papagueu já havia visto em qualquer bicho. Da boca tombava, em grossos filetes, uma espécie de baba melequenta e fedida.

Cada vez que ele urrava o seu bafo infestava o ar da clareira com um cheiro insuportável. E tudo isso junto — pelos e escamas, garras e dentes, bafo e baba

— deixou Papagueu paralisado de terror. Estava na cara que o pobre rapaz iria ser devorado pelo monstro. Mesmo assim o passarinho não conseguia mover um músculo sequer. Com certeza aquela tempestade que tinha inundado as matas havia encorajado a serpente a abandonar os pântanos e charcos em que aquela espécie vivia, além dos domínios da Rainha da Noite. Elas amavam o tempo úmido e a lama. E o infeliz deu o azar de deparar com uma delas!

Provavelmente era alguém que perambulava perdido no bosque, vindo de terras distantes. Não parecia gente das aldeias próximas. Sua roupa estava rasgada e, se ele havia possuído alguma espada, com certeza ela tinha se perdido no duelo com o dragão. Além disso, era claro que estava exausto de correr e de lutar. Fraquejava visivelmente. Quem poderia combater de igual para igual com aquela criatura? Sem contar que ele era tão jovem. Quase um adolescente! De fato, o estrangeiro tombou desmaiado, completamente indefeso, bem no meio da clareira. A serpente percebeu que a vítima agora estava à sua mercê e cessou sua agitação. Foi se aproximando com movimentos lentos e sinuosos, os olhos fixos na sua presa, as babas caindo da boca fechada.

O coração de Papagueu se estreitou de pena do rapaz. Até iria ajudar o pobre se não estivesse ele mesmo paralisado pelo pânico. E mais horrorizado ficou quando viu surgir na clareira as filhas da Rainha da Noite, aquelas moças que ele odiava. Vinham as três montadas em cavalos escuros e cercaram o dragão aos gritos.